



Presidente Vladimir Putin anuncia a "retirada parcial" de tropas da fronteira com a Ucrânia, mas Joe Biden e aliados pedem sinais de "uma desescalada verificável". Segundo o líder americano, há, ainda, uma "grande possibilidade" de ataque a Kiev

Rússia fala em recuo. EUA, em cautela

Depois de mais de uma semana de esforços diplomáticos para impedir uma investida militar russa em território ucraniano, surgem os primeiros "sinais positivos", na avaliação de líderes ocidentais, de uma desescalada da tensão. Ontem, Moscou anunciou a retirada parcial de soldados e tanques da fronteira com a Ucrânia — a estimativa é de que haja mais de 100 mil homens na região. Os Estados Unidos, por sua vez, informaram que "ainda não verificaram" nenhuma manobra nesse sentido e reiteraram a avaliação de que o ataque a Kiev segue sendo "uma grande possibilidade".

Em pronunciamento, o presidente americano, Joe Biden, disse que seus analistas consideram que tropas russas permanecem em uma posição considerada "muito ameaçadora", que torna "possível" uma invasão à Ucrânia a qualquer momento. Biden reiterou que EUA e aliados não têm intenção de acirrar ainda mais os ânimos e, em referência ao povo russo, disse que eles não são seus inimigos. "É preciso dar todas as oportunidades à diplomacia", enfatizou, lembrando, em seguida, que as "sanções estão prontas" e que "defenderá cada centímetro do território da Otan".

Também em tom de cautela e buscando sinais mais concretos do recuo anunciado por Moscou, o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken, conversou, ontem, com o colega russo, Sergei Lavrov, e cobrou uma "desescalada verificável, confiável e significativa" na fronteira com a Ucrânia, segundo um comunicado do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Na ligação, Blinken reafirmou a escolha por uma saída diplomática para a crise e lembrou que, em caso negativo, haverá uma "resposta transatlântica rápida, severa e unida".

Moscou segue negando a intenção de invadir a Ucrânia. O presidente russo confirmou a "retirada parcial" das tropas na fronteira, mas nem o Kremlin nem o Exército detalharam a magnitude da operação. Paralelamente, soldados seguem realizando manobras militares em Belarus, vizinha da Ucrânia. A promessa é de que essas atividades durem até o próximo domingo. Além disso, também ontem, o parlamento russo aprovou um pedido para que o presidente reconheça as autodeclaradas repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk, no leste ucraniano, o que pode



Imagens divulgadas pelo governo russo mostram as operações de recuo militar. Ucrânia mantém ceticismo e reclama de ciberataques a sites militares e bancos estatais



Joe Biden diz que russos estão em posição "muito ameaçadora"

intensificar as tensões na região. Putin confirmou o sinal de recuo, anunciado pelo Ministério da Defesa, antes de se encontrar com o chanceler alemão, Olaf Scholz. Criticado por demorar a adotar uma postura mais proativa na atual crise internacional, Scholz esteve, na última segunda-feira, com o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, e, ontem, com o líder russo. Na avaliação do alemão, há "bases de discussão suficientes" com a Rússia

para que "as coisas evoluam positivamente". "O fato de sabermos, agora, que algumas tropas estão sendo retiradas é um bom sinal. Esperamos que outras sigam", disse Scholz, em entrevista coletiva, ao lado do presidente.

Putin e Scholz insistiram em querer um processo de negociações sobre as questões de segurança na Europa. Os países ocidentais e Moscou precisam chegar a um compromisso "sem abandonar seus princípios",

disse o chanceler alemão.

As propostas dos EUA e da Otan incluem negociar acordos de desarmamento e fornecer medidas de construção de confiança — pontos condicionados ao distensionamento na relação com a Ucrânia.

O presidente russo se mostrou aberto a dialogar. "Estamos dispostos a seguir o caminho da negociação", respondeu, mas criticou a rejeição de suas principais exigências, as quais "infelizmente não receberam uma resposta construtiva". Entre as reivindicações, está a garantia de que a Aliança Atlântica nunca aceitará a Ucrânia ou qualquer outro país-membro da antiga União Soviética. Os ocidentais, porém, classificam essa demanda russa como inaceitável, mas propuseram um diálogo em outras questões, como a limitação do armamento.

"Otimismo prudente"

Pouco antes do encontro entre Putin e Scholz, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, manifestou seu "otimismo prudente" com o anúncio do recuo militar na fronteira com a Ucrânia e disse que esperava um "sinal de desescalada". Na mesma linha, os presidentes Emmanuel Macron, da

Em defesa de Navalny

Na visita a Moscou, o chanceler alemão também criticou as condenações ao líder opositor russo Alexei Navalny, réu em um novo julgamento iniciado, ontem, na Rússia. Segundo, Olaf Scholz o tratamento dado a Navalny é "incompatível com os princípios de um Estado de Direito". O opositor recebeu tratamento, na Alemanha, em 2020, após ser supostamente envenenado pelos serviços secretos russos. Foi detido no ano seguinte, quando retornava à Rússia. Navalny está, há mais de um ano preso, por acusações de fraude e, agora, pode ser condenado a 10 anos adicionais. No novo processo, os promotores acusam Navalny de ter desviado mais de US\$ 4,7 milhões para as organizações que lidera.

França, e Joe Biden classificaram o anúncio como um "primeiro sinal promissor" e insistiram, em comunicado conjunto, na necessidade de "verificar" o início das operações. "As palavras são boas. Mas esperamos ações", enfatizou o chefe da diplomacia francesa, Jean-Yves Le Drian.

O governo ucraniano mantém o tom de cautela. O ministro das Relações Exteriores,

Dmytro Kuleba, afirmou que só acreditará no que diz o Kremlin quando vir a retirada das tropas. "Temos uma regra: não acredite no que ouve, acredite no que vê (...). Quando virmos uma retirada, vamos acreditar em uma redução de forças", justificou a jornalista.

Há ainda um embate no mundo digital. Ontem, Kiev denunciou que vários sites militares oficiais e os de dois grandes bancos estatais foram alvo de um ataque cibernético e acusou Moscou pelo crime. "Não se pode descartar que o agressor seja recorrendo a truques sujos", afirmou o órgão de controle de comunicações ucraniano.

Desde a anexação da Crimeia, em 2014, o Exército ucraniano enfrenta separatistas pró-russos apoiados pela Rússia no leste, um conflito que já causou mais de 14 mil mortes e 1,5 milhão de deslocados. A concentração de mais de 120 mil soldados russos na fronteira e as manobras realizadas em vários pontos, inclusive em Belarus, a poucas horas de estrada de Kiev, alimentam temores de uma invasão iminente. Em outras ocasiões, Moscou anunciou a retirada das tropas, mas imagens de satélites tiradas em dias seguintes não confirmaram as operações.

VALOR NÃO DIVULGADO

Acordo extrajudicial põe fim a processo contra príncipe britânico

Filho da rainha Elizabeth II, o príncipe Andrew, 61 anos, chegou a um "acordo extrajudicial" com a americana Virginia Giuffre, 38, para encerrar um processo por agressão sexual aberto por ela no ano passado. Como parte do acordo, a realeza britânica fará uma "doação substancial" para uma instituição de caridade, fundada por Giuffre, que dá apoio a vítimas de tráfico sexual, segundo o advogado dela, David Boies.

O acordo, cujo valor não foi divulgado, evitará que o membro da família real britânica vá

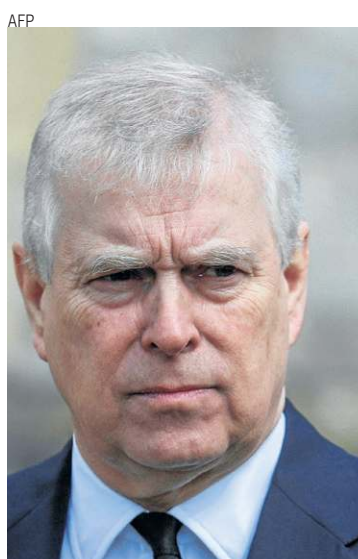
a julgamento com júri em Nova York e que seja interrogado, sob juramento, pelos advogados de Giuffre. "As partes apresentarão uma renúncia acordada assim que Giuffre receber o acordo", informa documento, em nome de ambas as partes, divulgado por Boies e enviado ao juiz.

Giuffre acusou o príncipe de tê-la agredido sexualmente três vezes em 2001, quando ela tinha 17 anos, por intermédio do financista Jeffrey Epstein. Ela processou Andrew por danos não especificados, alegando que foi vítima de tráfico

sexual nas mãos de Epstein e de sua esposa, Ghislaine Maxwell. Amigo do príncipe, o bilionário americano cometeu suicídio na prisão, em agosto de 2019, enquanto aguardava julgamento por crimes sexuais.

"Filho favorito"

Descrito por décadas como o "filho favorito" da rainha, Andrew nega as acusações e enfrentou os desdobramentos da denúncia. No mês passado, foi destituído dos títulos militares honorários e das funções de caridade



depois que o juiz de Nova York Lewis Kaplan negou seu pedido de arquivamento do caso.

Em 2019, se retirou da vida



A americana Virginia Giuffre denunciou ter sido agredida sexualmente por Andrew, por três vezes, quando tinha 17 anos

Sua postura, porém, foi bastante questionada. Críticos disseram que o duque de York foi arrogante e não demonstrou compaixão pelas supostas vítimas de Epstein.

A carta em conjunto divulgada ontem indica que o príncipe "nunca teve a intenção de difamar o caráter de Giuffre e aceita que ela sofreu tanto como vítima de abuso quanto como resultado de ataques públicos injustos". Também informa que ele se compromete a "demonstrar arrependimento por sua associação com Epstein, apoiando a luta contra os danos do tráfico sexual e suas vítimas".